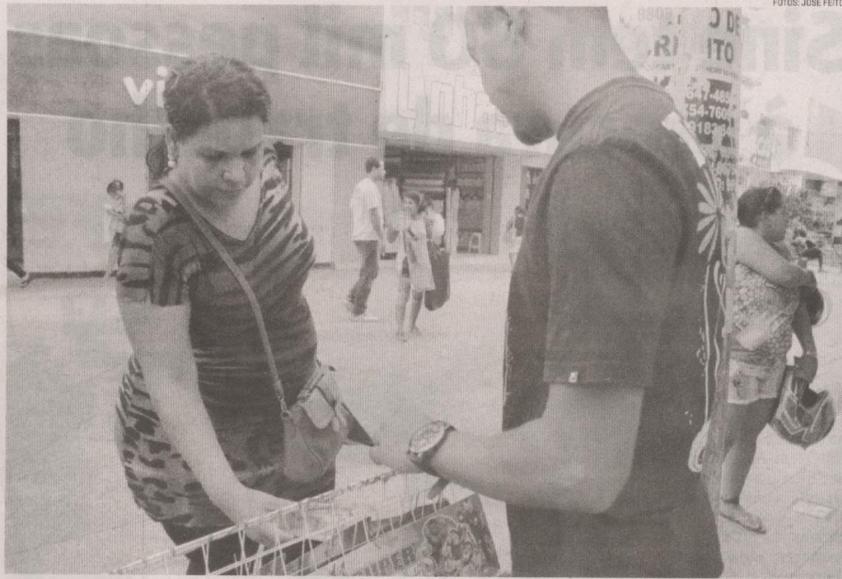


DESAQUECIDO. Mercado fechou 25,4 mil vagas no Estado em um ano

FOTOS: JOSÉ FETOSA



Desemprego leva muitos a buscar na informalidade uma fonte de renda; nos últimos 12 meses, nível do emprego formal caiu 6,79% em AL

Medo do desemprego ronda os alagoanos

Fechamento de postos de trabalho gera insegurança

MARCELO AMORIM
REPÓRTER

A crise econômica que entra pelo terceiro ano consecutivo e mantém o País em recessão com a derrubada do Produto Interno Bruto (PIB) em mais de 3%, registrados em 2015, também traz consigo o fator desemprego. Em Alagoas, conforme dados do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged) divulgados na última sexta-feira, 22, pelo governo federal, houve redução de 6,79% no nível de empregos nos últimos 12 meses, o que representa um saldo negativo de 25,4 mil nas vagas formais no Estado. A entressafra agrava o cenário.

A situação tem deixado os alagoanos com medo e sob a constante ameaça de ficar fora do mercado do trabalho. A instabilidade política é apontada como uma das causas do atual momento e a necessidade de novos rumos para a economia, a partir de uma definição para o setor por parte do poder público é considerado como crucial para a retomada do crescimento.

Enquanto isso não acontece, os trabalhadores vivem dias de insegurança e a disputa por vagas no mercado se torna mais acirrada, assim como a permanência no posto. O resultado, segundo a economista e professora da Universidade Federal de Alagoas (Ufal) Luciana Caetano, também é a valorização da meritocracia, ou seja, os postos de trabalho acabam ocupados pelos melhores profissionais.

“Os desempregados com menor capacidade ou experiência ficam à margem do processo e com maior dificuldade de reinserção no mercado de trabalho”, avalia. Por outro aspecto, a constante insegurança e a sensação de perder o emprego também acaba por gerar até mesmo problemas psicológicos no trabalhador, principalmente se ele se sentir deslocado de todo o contexto social.

“O desemprego afeta o indivíduo de todas as formas, porque trabalhar remete a fazer parte da sociedade, estar inserido na

comunidade como um todo. Quando se perde isso, a pessoa pode ficar deslocada e se sentir desraizada. O emprego é condição básica para o ser humano”, destaca o psicólogo Cícero Fonseca.

Ele revela que se sentir desraizado na sociedade é considerado pelos psicólogos

PERSONAGENS E SUAS HISTÓRIAS

**VIVIANE DE ARAÚJO**
atendente de consultório odontológico

Mesmo empregada com carteira assinada há quatro anos, Viviane de Araújo vive insegura com a atual situação econômica do País. O desemprego ronda o trabalho dela. Recentemente, a atendente desempenhava apenas a função para a qual foi contratada, no auxílio à cirurgiã-dentista que a contratou, mas a demissão de outra funcionária do consultório, fez com que ela tivesse que se “desenrolar” na função e, além de desempenhar a atividade profissional, também passou a atuar na entrega de panfletos na rua onde a clínica fica localizada, em um prédio no centro de Maceió. “Antes trabalhar assim do que ficar desempregada. Diante da atual situação econômica, preciso ser compreensível com o patrão, que também tem contas a pagar. O sucesso dele é o meu também”, considera.

**ANDRÉ DE ARAÚJO**
servente de pedreiro

André de Araújo atuava como servente de pedreiro na construção civil. Com o desaquecimento do setor, ficou desempregado e teve de buscar na informalidade o próprio sustento. Decidiu ser vendedor ambulante no calçadão do comércio de Maceió. Escolheu brinquedos importados da China para vender. Sem opção de trabalho, sabe que é proibido comercializar os produtos nas ruas centrais do comércio da capital, mas, mesmo assim, prefere correr o risco de ter as mercadorias apreendidas pelos fiscais da Prefeitura. Está sempre de olho no comprador e ao mesmo tempo na possibilidade de chegada da fiscalização. “É chato trabalhar no local, assustado. Situação complicada essa minha, mas eu não tenho dinheiro para fazer um curso e tentar outra profissão. Todo dia é essa correria. Assim como eu, dezenas de ambulantes têm se ariscado todos os dias pelo calçadão do comércio. É o jeito”, assegura.

**AMANDA RAÍSSA**
promotora de vendas

A jovem Amanda Raíssa, aos 19 anos de idade, já tem um filho de dois anos para criar. Extrovertida e sempre com um sorriso para as pessoas, ela terminou o ensino fundamental e aceitou trabalhar como promotora de vendas em uma financeira instalada no centro de Maceió. Há três meses na atividade, ela ainda permanecia em período de “experiência” e com isso sem carteira assinada. Mesmo assim, a pressão por resultados é constante e a possibilidade de ficar sem atividade também a deixa assustada. “Eu tenho filho para criar e também conto com minha mãe para isso. Aqui eu trabalho sob pressão o tempo todo, pois tenho que bater meta solicitada pela empresa que oferta cartões de crédito para a população. Se eu não corresponder, estou fora, e encontrar emprego está difícil”, lamenta.

o indivíduo para enfrentar a situação e partir em busca de um novo emprego e qualificação”, acrescenta o psicólogo. Além da necessidade do trabalho, Cícero Fonseca ressalta que também é preciso estar empregado numa atividade que se goste e se sinta útil. **Leia mais na página C4**